

EUA recuam e impedem acerto no BID

Os ministros da Fazenda de países latino-americanos conseguiram chegar a um acordo político com o governo dos Estados Unidos sobre os problemas criados pelo subsecretário do Tesouro David Mulford para o aumento do capital do Banco Interamericano de Desenvolvimento. As intensas negociações, durante a assembléia anual do BID, passaram então para o nível técnico, onde ainda persistiam dificuldades.

As negociações para o aumento do capital do BID vinham se arrastando por três anos, devido à insistência do governo americano em só concedê-la se lhe fosse dado poder de veto sobre os empréstimos da instituição para ajudar o desenvolvimento de países latino-americanos. Finalmente, os americanos desistiram do veto, mas, surpreendentemente, voltaram atrás no fim-de-semana e passaram a exigir outra coisa: que os empréstimos setoriais (destinados a financiar mudanças de políticas em determinados setores econômicos) só fossem concedidos se o FMI e o Banco Mundial decidissem que o país-candidato aplica direito suas reformas macroeconômicas.

Latino-americanos — Os ministros dos quatro países latino-americanos (Brasil, México, Argentina e Venezuela) que têm maior participação acionária no BID, depois do FMI, taxaram essa exigência de inaceitável. Depois de sete reuniões em pouco mais de 24 horas, os americanos concordaram, na madrugada de ontem, com uma solução intermediária: durante um período de dois anos, enquanto o BID treina seu pessoal em análise

macroeconômica, seus empréstimos setoriais dependerão de co-financiamento do Banco Mundial. Depois desse período de aprendizagem, o BID recobra sua independência.

Na manhã de ontem, havia um clima de alívio entre os participantes da assembléia do BID, pelo fim da discórdia. A tarde, porém, voltaram os rumores e a apreensão de que o aumento da capital estaria novamente sob risco. É que durante a redação final do acordo, ressurgiram divergências entre os latino-americanos e o pessoal do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

O aumento de capital representa uma espécie de ressuscitamento do BID, que passou nos últimos anos a ter um fluxo negativo com a América Latina: recebe mais do que empresta aos países que deveria estar ajudando a desenvolver. Se as pequenas dificuldades forem superadas hoje, como se espera, o BID poderá voltar a manter novamente um fluxo positivo com a região, iniciando um programa de empréstimos no valor de US\$ 22 bilhões nos próximos quatro anos. De 1985 até o ano passado, o banco só emprestou US\$ 13,5 bilhões.

Isso fará uma diferença grande para a maioria dos países da América Latina. O Brasil, entretanto, recebe atualmente apenas uns US\$ 250 milhões do BID e, nos primeiros anos do novo programa, passará a contar com US\$ 350 milhões ou US\$ 400 milhões, o que não fará grande diferença, devido as dimensões dos problemas financeiros do país. (R.C.A.)